

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

O SANGUE E A FERA: A MENSTRUACÃO NOS FILMES DA DISNEY

Michelle Brugnera Cruz Cechin, Cristianne Maria Famer Rocha

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7054>

Submetido em: 2023-09-22

Postado em: 2024-04-01 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Esta nova versão foi submetida com revisões da abordagem e referências.

O SANGUE E A FERA: MENSTRUÇÃO E SUBJETIVIDADES NOS FILMES DA DISNEY

MICHELLE BRUGNERA CRUZ CECHIN¹
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3276-473X>
mibrugnera@gmail.com

CRISTIANNE MARIA FAMER ROCHA²
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>
rcristianne@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio Grando do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grando do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

RESUMO: O estudo tem como propósito perscrutar de que maneira as animações da Disney produzem regimes de verdade sobre a menstruação. Compõem o *corpus* de análise três filmes que contém em seu roteiro este tema. Nos valem das análises foucaultianas sobre os discursos medicalizantes e em autoras feministas que pesquisam sobre menstruação e os efeitos do neoliberalismo nos corpos e subjetividades, em especial o conceito de *menstrunormatividade*, introduzido por Josefin Persdotter (2020). Estabeleceu-se quatro eixos de análise cultural: os modos como a menarca e o uso dos absorventes são representados; os sentidos atribuídos à menstruação; a reclusão e autocuidado impostos às pessoas que menstruam; o conjunto de normatividades que formam pedagogias menstruais destas produções. Conclui-se que, nos três filmes, manter a performance produtiva de sucesso e felicidade parece ser uma das exigências às pessoas que menstruam, muito mais arraigadas, segundo estas narrativas, à autogestão e mudança de comportamento do que a aspectos sociais e culturais que exigem determinadas condutas e atitudes performáticas de produtividade, sucesso e bem-estar constante.

Palavras-chave: Disney; pedagogias menstruais; subjetivação; *menstrunormatividade*; menstruação.

BLOOD AND THE BEAST: MENSTRUATION AND SUBJECTIVITIES IN DISNEY MOVIES

ABSTRACT: The objective of this study is to investigate how Disney animation movies produce regimes of truth about menstruation. The corpus of analysis consists of three movies whose scripts included the topic of menstruation. Foucauldian analysis was used to analyze medicalizing discourses. We also based our analysis on feminist authors who conduct research on menstruation and the effects of neoliberalism on bodies and subjectivities, specifically the concept of *menstrunormativity* introduced by Josefin Persdotter (2020). Four pillars of cultural analysis were established: the ways in which menarche and the use of sanitary pads are depicted; the meanings assigned to menstruation; the seclusion and self-care imposed on people who menstruate; and the set

of normativities that make up menstrual education of these movies. We concluded that, in the three movies, keeping the productive performance of success and happiness seems to be required from people who menstruate. According to these narratives, success and happiness are much more related to self-management and change of behavior than to social and cultural aspects that require certain behaviors and attitudes of productivity, success, and constant well-being.

Keywords: Disney; menstrual education; subjectivation; *menstrunormativity*; menstruation.

LA SANGRE Y LA BESTIA: MENSTRUACIÓN Y SUBJETIVIDADES EN LAS PELÍCULAS DE DISNEY

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo examinar cómo las animaciones Disney producen regímenes de verdad sobre la menstruación. El corpus de análisis comprende tres películas que contienen esta temática en su guión. Nos basamos en los análisis foucaultianos de los discursos medicalizantes y en autoras feministas que buscan sobre menstruación y los efectos del neoliberalismo en los cuerpos y subjetividades, especialmente sobre el concepto de *menstrunormativity* (normatividad de la menstruación), presentado por Josefin Persdotter (2020). Se establecieron cuatro ejes de análisis cultural: las formas en que se presenta la menarquia y el uso de los absorbentes son presentados; los significados atribuidos a la menstruación; el aislamiento y el autocuidado impuestos a las personas que menstrúan; el conjunto de estándares que forman pedagogías menstruales de estas producciones. Se concluye que, en estas tres películas, mantener la performance productiva de éxito y felicidad parece ser una de las exigencias a las personas que menstrúan, mucho más arraigadas, de acuerdo con estas narrativas, a la autogestión y cambio de comportamiento de lo que a los aspectos sociales y culturales que requieren ciertos comportamientos y actitudes performáticas de productividad, éxito y bienestar constante.

Palabras clave: Disney; pedagogías menstruales; subjetividades; *menstrunormativity*; menstruación.

INTRODUÇÃO

Imbuídas do propósito de produzir industrialmente uma pedagogia cultural, as corporações que compõem o grupo Walt Disney inauguraram o uso das animações como dispositivo educacional. Henry Giroux (2001), em uma arqueologia dos saberes produzidos pela Disney, retirou o entretenimento como principal foco desta indústria e denunciou o quanto estes materiais atuam como verdadeiras “máquinas de ensino” (2001, p.89). Os modos como diferentes identidades, etnias, gêneros, corpos e culturas são

representados demonstram dimensões políticas e éticas desta corporação, produzindo narrativas e regimes de verdade que produzem efeitos nos públicos que os consomem (Giroux, 2001). A ordem dos discursos das princesas da Disney também foi analisada por Paola Zordan (2019), evidenciando o quanto estas narrativas trazem um currículo cultural que produz modos de subjetivação feminina, ensinando sobre modos de ser mulher¹.

O uso das animações para tratar da menstruação, como artefato educacional, foi introduzido por esta indústria de animação na década de 1940, com o intuito de propagar o uso e a comercialização dos absorventes descartáveis. Nos valem das análises de inspiração foucaultiana sobre os discursos medicalizantes (Foucault, 1994) com o intento de perscrutar de que maneira as animações da Disney produzem regimes de verdade sobre a menstruação. O método de pesquisa é inspirado na análise cultural (Hall; Sovik, 2003. Hall; 2003) e compõem o corpus de análise três produções que contém em seu roteiro o tema da menstruação: *The Story of Menstruation* (Kinney, 1946); *Red: Crescer é uma Fera* (Shi, 2022) e *Sofia* (Treiman, 2022). Nos imbuímos do conceito de *menstrunormatividade*, introduzido por Josefin Persdotter (2020), ao analisar o imaginário de uma menstruação idealizada pelos discursos biomédicos, criando “monstros menstruais”, todos aqueles desviantes dos ideais menstruais.

Nos valem também dos escritos de Silvia Federici (2019a; 2019b) quando analisa o quanto o crescimento industrial e a crescente captura das mulheres¹ pela ampliação do mercado de trabalho, marcaram os corpos femininos. Por meio dos seus escritos, analisamos os modos como os discursos do consumo de absorventes favoreceu a performance produtiva das pessoas que menstruam, o que se estendeu para as infâncias contemporâneas, na erotização dos seus corpos e na exploração do trabalho infantil nas mídias sociais (Beck; Felipe, 2022).

Ao olhar as produções cinematográficas, também somos olhados por suas narrativas visuais, como nos ensina Fabiana de Amorim Marcello (2008), na medida em que entre o ver e o ser visto há um vazio que nos convoca a algo. Diante disso,

¹ Utilizamos os substantivos mulher e menina, bem como adjetivos e artigos femininos, para nos referirmos às personagens das animações, apresentadas como meninas e mulheres cisgênero. Utilizamos também o termo mulher quando tratamos das análises da autora Silvia Federici. Contudo, temos a compreensão que nem todas as pessoas que menstruam são mulheres e nem todas as mulheres menstruam. Assim, para abarcamos o público que menstrua, utilizamos o termo pessoas menstruantes.

questionamos: o que as animações da Disney têm a nos mostrar e a nos convocar sobre menstruação? Para responder este questionamento, desenvolvemos quatro eixos de análise: 1) Minha mocinha virou moçona e o absorvente salvador, em que menarca e o uso dos absorventes são analisados; 2) Era para ser uma bênção, em que olhamos para os sentidos atribuídos à menstruação; 3) O Poder do panda Vermelho: reclusão e autocuidado; 4) Domando a Fera: Pedagogias Menstruais da Disney, em que perscrutamos o conjunto de normatividades que formam as pedagogias menstruais destas produções.

Nos imbuídos das análises das Pedagogias Culturais (Andrade, Costa, 2017; Wortmann, Costa, Silveira, 2015), que defendem a ideia de que vivemos em uma sociedade pedagogizada, em processos de educação permanente. Esta pedagogização cultural não ocorre apenas em ambientes formais, como nas escolas e universidades, mas também em amplos processos culturais (Andrade, Costa, 2017; Wortmann, Costa, Silveira, 2015), como na mídia, marketing, animações, filmes, personagens, brinquedos, literatura infantojuvenil, etc. Nos propomos a analisar as pedagogias menstruais destas obras. Denominamos pedagogias menstruais, na perspectiva das análises culturais, um conjunto de ensinamentos sobre corpos e subjetividades menstruantes relacionadas em diversos âmbitos culturais, políticos, sociais, midiáticos, por meio de discursos e normas, com vistas a produzir determinados modos de subjetivação e regimes de verdade sobre menstruação.

Para análise das obras, a menstruação foi tratada como narrativa, constituída por histórias, imagens, conceitos e elementos fundamentais das culturas. Menstruar é um acontecimento imbuído de sentidos culturais, por um conjunto de significados atribuídos pelas diferentes narrativas e regimes de verdade, que atribuem sentidos distintos ao fenômeno menstrual (Kissling, 2020). As narrativas, sejam da literatura, histórias pessoais ou os discursos roteirizados das animações produzidas pelas grandes corporações do cinema são mais do que estruturas discursivas, são indústrias formadoras de saberes e práticas. No caso das animações, buscou-se perscrutar os temas marcados com atenção aos significados, buscando compreender as representações, tanto no roteiro, quanto nas imagens.

CONTEXTUALIZANDO OS FILMES DA DISNEY SOBRE MENSTRUÇÃO

*The Story of Menstruation*² (Kinney, 1946) é uma obra de animação cinematográfica no formato de documentário produzida por Walt Disney em parceria com a empresa Kimberly-Clark em 1946. Apresenta uma narrativa do processo fisiológico da menstruação e modos de gerenciar o ciclo menstrual em uma abordagem médica e higienista da menstruação com o intuito de promover um dos primeiros absorventes descartáveis, o Kotex. A animação foi produzida no contexto da Segunda Guerra Mundial, em que os avanços da Medicina e da indústria farmacêutica e de produtos de higiene estavam sendo exaltados. Elizabeth Mason Hohl, ginecologista, foi colaboradora da produção do filme, coordenando a narrativa científica da obra. O intuito da produção era combater os tabus da menstruação com informação científica e entretenimento, exaltando a ciência, a boa saúde, a autoridade médica, a indústria farmacêutica e os produtos de higiene. Foi uma das primeiras obras cinematográficas a unir os discursos de saúde e higiene, enfatizando a função biológica da menstruação e realizando um poderoso marketing dos absorventes. A ênfase também recaiu sobre o consumo de produtos de higiene como forma de facilitar a participação da mulher no mercado de trabalho (McFarland, 2019; Ghanoui, 2020).

Em um impressionante hiato sobre o tema, somente no ano de 2022 são lançadas duas outras animações. *Red: Crescer é uma Fera* (Shi, 2022) é uma animação computadorizada de longa-metragem, produzida pela Walt Disney e Pixar. É o primeiro filme de longa-metragem da Pixar dirigido exclusivamente por mulheres. A história é ambientada em Toronto, Canadá, no início dos anos 2000. A narrativa gira em torno da menarca da menina Mei Lee, uma estudante sino-canadense de 13 anos, e suas vivências de crescimento, permeadas por dramas e conflitos entre agradar sua família, retratada como conservadora e tradicional, preponderantemente pelas personagens da mãe e avó. Ao ter emoções fortes e em seu ciclo menstrual, Mei Lee se transforma em um panda vermelho devido a uma maldição hereditária.

Sofia (Treiman, 2022) é um dos episódios da série de animação *Baymax!*, baseada na animação de longa-metragem *Operação Big Hero* (Williams; Hall, 2014), que

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bjIJZyoKRlg>

dá continuidade às histórias de um robô enfermeiro chamado Baymax e seus pacientes. No terceiro episódio da série, ambientado em um banheiro de escola, a aluna Sofia menstrua no horário da aula, em que antecede uma competição de talentos, a qual ela iria participar. A narrativa centra-se no drama da menina Sofia, ao menstruar pela primeira vez na escola, escondendo-se no banheiro e do robô enfermeiro tentando ajudá-la a compreender e a lidar com a situação.

MINHA MOCINHA VIROU MOÇONA E O ABSORVENTE SALVADOR

Distintas narrativas nas animações relacionadas, buscam explicar o crescimento e as mudanças vividas na puberdade, a partir da menarca. No filme *The Story of Menstruation*, a protagonista é uma menina branca representada em diferentes fases do seu crescimento. A coloração das imagens é pálida, com fundo escurecido, com a intenção de dar uma sensação de leveza e simplicidade, apresentando os órgãos genitais de modo limpo e estéril. Estas imagens iniciam com folhas brancas caindo de uma árvore e voando até uma janela. Em seu interior, há um bebê branco acordando em um berço. As imagens mostram o corpo humano higienizado e limpo.

A primeira parte do filme centra-se na função fisiológica e biológica da menstruação. A narradora descreve a relação entre a glândula pituitária e o aparelho reprodutor feminino, enquanto a glândula pituitária envia hormônios do crescimento, durante o desenvolvimento da jovem. A narradora afirma que a menstruação começa quando os hormônios do crescimento são enviados ao útero e aos ovários, descritos como “pequenos mensageiros”. Estes hormônios são representados como setas brilhantes que descem do cérebro, através do corpo, e chegam ao útero. A câmera segue estas setas na direção transversal do sistema sexual. As flechas indicam uma ordem superior, vinda de cima, obedecidas por cada órgão, que responde mecanicamente aos comandos superiores dos hormônios, como se não houvesse comunicação entre os órgãos. A narrativa explicita que o ovário prepara um óvulo que é transportado ao útero, passando pelas Trompas de Falópio, cerca de uma vez ao mês. Se o óvulo for fertilizado, permanecerá no útero. Do contrário, será expelido do corpo pela vagina junto com o revestimento, que se tornou desnecessário, ou seja, a menstruação.

A narrativa visual retrata a menstruação como um sistema de órgãos reprodutores, com os ovários, as Trompas de Falópio, o útero e a vagina. A representação visual do ciclo dá a entender que a menstruação ocorre logo após a ovulação e que esta ocorre sempre pelo mesmo ovário. A menstruação é mostrada por uma sequência de tempo e não são apresentados os processos que envolvem o colo do útero ou o muco cervical. Os órgãos sexuais são apresentados com a mesma coloração pálida do bebê, da cena inicial do filme, e o sangue menstrual é branco. Esta apresentação, propositalmente incompleta e esterilizada do sistema sexual feminino, parece apresentar o corpo como uma máquina que funciona independente do controle humano, da cultura e das relações sociais.

Finalmente, a narradora conclui a parte do filme afirmando que a menstruação é uma etapa rotineira de um ciclo normal e natural que ocorre continuamente com o corpo. Segundo Michel Foucault (1994), o olhar médico encontra sua legitimidade na descrição, que leva os sujeitos a verem a realidade sobre determinadas lentes, no caso, o ponto de vista da Medicina. O discurso de descrição e recomendação são usados para afirmar a autoridade médica, o que é usado neste filme como saber sobre o corpo feminino e as recomendações de autocuidado para preservá-lo.

Em *Red: Crescer é uma Fera*, a protagonista é Mei Lee, que vive com os seus pais Ming e Jin em Toronto, no Canadá. A família cuida do templo dedicado a homenagear a ancestral feminina Sun Yee. A família é representada como rígida e protetora, com altas expectativas em relação ao desempenho escolar e a menina se esforça para fazer jus à performance que seus pais esperam. Na introdução do filme, a menina mostra-se orgulhosa de estar crescendo, de poder andar de ônibus sozinha, realizar muitas atividades extra-curriculares na escola e de suas boas notas.

As transformações da pré-adolescência são retratadas com a identificação com as outras meninas do grupo, pelo interesse por meninos e na *boy band*³⁴*Town, comuns na cultura pop da época. Ao desenhar um menino no seu caderno, escondida debaixo da cama, Mei Lee demonstra seu interesse por um garoto. Sua mãe descobre o caderno e acusa o menino de ter “se aproveitado da inocência de Mei”, colocando-a em uma situação aparentemente vexatória ao gritar com o garoto enquanto este trabalhava em uma loja de locação de fitas de vídeo. Nesta noite, ao dormir, Mei Lee sonha com os

³ Grupo musical constituído por jovens vocalistas do sexo masculino.

garotos integrantes da *boy band*, com o menino da videolocadora e com a situação vexatória. A cena é retratada em tons vermelhos e representaria as transformações que a menina estava passando, tanto fisicamente, como psicologicamente. Segundo a diretora Domee Shi (MILSOM, 2022), a cor vermelha representa tanto a menstruação como os sentimentos experimentados pela adolescente, como o constrangimento e o desejo sexual. Nesta noite do sonho, Mei Lee passa pela menarca, e se transforma em um panda vermelho gigante, uma alegoria para o modo como muitas meninas podem se sentir ao menstruarem (Milsom, 2022). O panda representaria os aspectos “selvagens”, as transformações físicas e psicológicas, que se impõem à menina Mei (Shi, 2022). Ao acordar no dia seguinte, Mei se descobre transformada em panda no banheiro e grita.

O monstro menstrual é o estereótipo da mulher no período pré-menstrual, descrito por Josefin Persdotter (2020), uma fera selvagem, descontrolada e frenética, propensa a ataques de fúria, crises de choro, inchaço por retenção de líquidos, malcheirosa e voraz por doces, especialmente chocolates e propensa ao isolamento social. Ou seja, um ser monstruoso, alterizado e marginalizado do reino do normal, desviante da *menstrunormatividade*.

Menstrunormatividade (Persdotter, 2020) é o sistema social hegemônico de normatividades múltiplas e contraditórias que ordenam e estratificam a menstruação. É a multiplicidade de normas, discursos, imperativos sociais, biomédicos e estatísticos entrelaçados que constroem certas formas de entender e gerenciar a menstruação como ideais, corretas, saudáveis, normais e moralmente superiores a outras formas consideradas erradas, doentias, anormais, desviantes. Os discursos biomédicos dominantes estratificam a experiência menstrual e posicionam algumas subjetividades menstruais como ideais; enquanto outras, são consideradas insalubres, repugnantes, anormais e monstruosas (Persdotter, 2020). No caso desta produção, um panda vermelho.

Sua mãe, preocupada, nota o ocorrido e se indaga “será que minha mocinha virou moçona?” Ela procura dar sentido à vivência da menina. Primeiramente, oferece produtos de higiene e medicações, que estavam armazenados em uma caixa, esperando o momento para apresentá-los à filha. Esta cena mostra que sua mãe se preparou para a ocorrência da menarca, armazenando absorventes e remédios. Nesta cena, identificamos um sentido biomédico à menstruação, como um evento relacionado à saúde, um evento que deve ser medicalizado. A ciência médica e a indústria farmacêutica tornaram-se a

principal abordagem para lidar com o evento da menarca. A preocupação materna, com o seu bem-estar físico pelo suprimento do tão enaltecido absorvente, é mostrada de modo pejorativo, enfatizando as inadequações maternas perante a complexidade das vivências e transformações da filha. A mãe leva o absorvente para a filha na escola, causando uma situação vexatória para a menina, perante seus colegas e professores. A mãe parece ansiosa e emocionalmente despreparada para as transformações advindas da adolescência da filha, em que os recursos e as narrativas de higiene e medicalização não são suficientes para a profundidade de vivenciar um corpo púbere que passou a menstruar.

O absorvente surge como o grande salvador e a mãe fixa-se em seu uso como forma de lidar com a situação. Com abas, sem abas, diurno, noturno, anti-odor, antivazamento, insuperável e indefectível produto milagroso que restaurará o bem-estar e a liberdade das meninas. Ao longo do século XX, especialmente no contexto pós-guerra, a produção dos absorventes descartáveis avançou muito, unida à publicidade que prometia liberdade, higiene e bem-estar às mulheres, mantendo-as “sempre livre e sempre seca”, slogan de uma das marcas. É a promessa de libertação oferecida pelo absorvente que vemos nas cenas iniciais do filme: libertar-se das imposições e incômodos do corpo biologicamente feminino.

Quando a mãe de Mei leva o absorvente para a escola, denunciando que está menstruada, a menina sente-se envergonhada por não saber como lidar com a situação. Esta cena parece mostrar a necessidade de se esconder a menstruação e o sentimento de embaraço diante de sua publicização, um acontecimento que precisa ser escondido (Wood, 2020). Diante da denúncia pública de que estaria menstruando, a menina foge da escola, correndo pela cidade como um panda vermelho, fazendo muitos estragos pelas ruas. As crenças da mãe de ajudar a filha, oferecendo-lhe o absorvente, como se a falta dele seria o problema central que Mei Lee poderia passar, parece representar a educação que muitas meninas receberam, ao longo do século XX, sobre os únicos cuidados possíveis frente à menstruação.

Em *Sofia*, Baymax é o enfermeiro robô, protagonista da animação *Operação Big Hero*, criado para executar tarefas de assistência e cuidado à saúde, fazendo diagnósticos do estado de saúde das pessoas através de um scanner infravermelho, descrevendo enfermidades e prescrevendo ações de autocuidado e medicalização. É representado como um robô inflável grande, alto e branco, com voz propositalmente

“suave e reconfortante”. A menina Sofia se prepara para uma disputa de talentos na escola, em que apresentaria uma performance de ioiô com seu amigo Ali. Ao ir ao banheiro, percebe que ficou menstruada. A cena apresenta a menina entrando pela porta do banheiro com um close para indicar que o banheiro é para todos os gêneros. Sofia entra na cabine do banheiro e fecha a porta e mostra-se contrariada por ver que menstruou. Nenhuma representação da menstruação é mostrada, apenas sua contrariedade ao repetir muitas vezes “ah, não!”. Baymax passava pelo corredor e ouve a contrariedade da menina. Seu sistema de alerta para “necessidade de atendimento médico” é ativado. Ele entra no banheiro, com seu sistema material maleável, e escaneia Sofia sem seu consentimento, indicando que a menina menstruou. Baymax logo descreve a menstruação e o que a menina precisa para se sentir melhor: produtos de higiene menstrual. Mesmo sem a menina solicitar, Baymax vai a um comércio, que parece ser um mercado local, no corredor de produtos de higiene, e se depara com prateleiras repletas de diversos tipos de absorventes. Novamente, o conflito do tipo de absorvente aparece: com abas, sem abas, noturno, diurno... Algumas mulheres de diferentes idades, um homem trans e um pai mostram opções para Baymax. Na cena seguinte, o enfermeiro robô se dirige ao banheiro, em que Sofia se encontra, carregando nos braços muitas embalagens com diferentes tipos de absorventes.

Aparentemente, os ideais de atenção e cuidados à saúde menstrual, idealizados no início do século XX e apresentados em *The Story of Menstruation*, são personificados por Baymax e o fácil acesso à informação médica nas escolas. No caso desta animação a inteligência artificial faz a automatização do que o primeiro filme de educação menstrual tentou fazer não conseguiu. Apesar de ser voltado para as escolas, o ambiente escolar não é apresentado em *The Story of Menstruation*, enquanto nos outros dois filmes a escola cumpre um papel fundamental para mostrar as situações de vergonha, exclusão e inadequação que as pessoas que menstruam enfrentam, um dos locais de maior vulnerabilidade e exclusão para quem menstrua.

Novamente, o absorvente salvador é apresentado, mas não é o suficiente para solucionar os problemas enfrentados por quem menstrua. No caso do primeiro filme, em que não foi apresentado diretamente o absorvente, a prescrição médica é a do autocuidado. Este filme foi produzido para promover uma das primeiras marcas de absorventes descartáveis a partir do discurso médico, com vista a popularizar o seu uso.

ERA PARA SER UMA BÊNÇÃO

Diferentes sentidos são atribuídos à menstruação nos filmes. Em *The Story of Menstruation*, há muita ênfase na natureza cíclica da vida e do ciclo menstrual, ao afirmar que “não há nada de estranho, nem misterioso na menstruação” e “a vida é feita de ciclos”. A mãe natureza é descrita como a chefe que comanda o corpo por meio das glândulas cerebrais: “a mãe natureza controla muitos de nossos processos corporais rotineiros por meio de centros de controle automático”. Os hormônios são pequenos mensageiros da mãe natureza, caracterizada como um agente ativo no crescimento das meninas e seus corpos como passivos, frente ao processo de crescimento. O filme narra a menstruação como um evento advindo da mãe natureza, que governa tanto os ciclos do meio-ambiente, quanto os hormônios que irão reger todo o processo de crescimento do corpo e do ciclo menstrual. Este processo é passivo e passado de mãe para filha, culminando no casamento e na gestação. A narradora indaga: “Por que a natureza é sempre chamada de mãe natureza? Talvez seja porque, assim como qualquer mãe, ela silenciosamente organiza tantas coisas em nossas vidas, sem que percebamos que existe uma mulher trabalhando”. Na narrativa final, é mostrada a menina, depois uma jovem, depois uma mulher vestida de noiva e, em seguida, uma mãe que se debruça sobre o bebê da cena inicial do filme.

Os papéis de gênero parecem estar claramente definidos no filme. As meninas passam por transformações corporais, regidas pelos hormônios, em consonância com uma ordem superior advinda da mãe natureza, que trabalha silenciosamente “como qualquer mãe”. A menstruação é apresentada como um componente de um processo mais abrangente que culminaria na reprodução humana. Tal discurso traz consequências para muitas meninas, em diferentes culturas, em que a menarca marca o momento em que a menina “se torna mulher” e estaria apta ao casamento e à reprodução, acarretando em casamentos precoces e abusos (Gottlieb, 2020 Sardenberg, 1994. Buckley; Gotlieb, 1988. Delaney; Lupton; Toth, 1988).

A animação indica também o que seria o normal e o saudável segundo a passagem do tempo e da vida da menina. As transformações são regidas pela mãe natureza, mas devem ser normalizadas por práticas de autocuidado recomendadas pela ciência, pela Medicina e pela indústria. A culminância no casamento e na geração de filhas seria o normal ou o natural para as meninas. Quanto à questão fisiológica, é

interessante observar que o sangue menstrual é mostrado na cor branca, com a intenção de apresentar imagens higienizadas do corpo. Posteriormente, a indústria passou a adotar a cor azul como forma de representar a menstruação, na publicidade e nas embalagens de absorventes descartáveis. Na segunda parte da narrativa, há uma ênfase no autocuidado gerido pelo saber científico e médico. Nesta parte, a menina é mostrada como protagonista do ciclo menstrual, realizando ações que podem tanto favorecer a saúde, quanto prejudicá-la. A narrativa enfatiza que o autocuidado, quando não está normalizado, precisará de um médico, que colocará o corpo em ordem. Assim, a menstruação pode ser uma experiência desviante que precisará de gerenciamento, conforme os ditames dos saberes médicos e higienistas. Estas informações oferecem conhecimentos às meninas sobre os seus ciclos, mas também as submetem a determinadas maneiras de ver a menstruação: higienizada, medicada e branca. Por fim, o patrocínio da *Kimberly-Clark* para a produção do filme é mencionado, ao final.

Explicado no contexto da gestão e da higiene, o ciclo menstrual tem o seu significado restrito e a experiência menstrual é descrita apenas em termos de como ela afeta algumas atividades diárias a determinadas mulheres, apresentadas como uma experiência universal regida pela mãe natureza (McFarland, 2019; Ghanoui, 2020). A menstruação branca em nada se parece com a experiência sanguinolenta, frequentemente dolorosa e inconveniente para muitas pessoas que menstruam (McFarland, 2019).

Diferentemente desta visão médica e higienista, em *Red: Crescer é uma Fera*, estes conceitos são satirizados, porém os sentidos dados à menstruação e sua experiência entre mães e filhas também são naturalizados e até simplificados a questões fisiológicas. Seguindo às tentativas da mãe de Mei Lee de lidar com o crescimento da filha e dar sentido a sua menstruação, em uma cena, ela se encontra com a menina no santuário ancestral da família e conta a história de uma de suas ancestrais, responsável por libertar o poder do panda vermelho. Mei Lee, inconformada com a sua condição, nomeia como maldição o poder do panda, enquanto sua mãe afirma que “era para ser uma bênção”. O poder do panda vermelho teria ajudado Tay Lee a defender sua família de guerras e catástrofes, sendo passado de mãe para filha como uma bênção.

Bênção e maldição, dois modos distintos de ver a menstruação por diferentes culturas que marcam os modos como as meninas púberes são tratadas pelos diferentes povos (Gottlieb, 2020. Sardenberg, 1994. Buckley; Gotlieb, 1988. Delaney; Lupton;

Toth, 1988). Para alguns, um castigo pelos pecados cometidos pela mulher, uma denúncia da sua natureza amaldiçoada, que deve ser tratada com exclusão, castigos físicos; para outros, um privilégio que a une com o poder de gerar a vida, o que indicaria um sinal para o casamento e a geração de filhos. Nestes discursos, as mulheres são tratadas como pecaminosas ou privilegiadas por gerarem a vida, uma contradição e um paradoxo que acompanha também os sentimentos sobre os papéis de gênero, que trazem consequências para as suas vidas. Algumas culturas reverenciam a menarca como um momento de iniciação do poder pessoal da mulher. Em culturas matrilineares, gestar, parir e o próprio ciclo menstrual eram vistos como potências femininas e exaltadas como privilégios (Piran, 2020. Sardenberg, 1994. Buckley; Gotlieb, 1988. Delaney; Lupton; Toth, 1988).

A mãe de Mei Lee reafirma que era para ser uma bênção, mas com a adaptação ao “mundo novo”, tornou-se um inconveniente, pois atrapalha o trabalho e a independência da mulher. A captura dos corpos femininos como força produtiva para o avanço do capitalismo, analisada por Silvia Federici (2009a; 2009b), parece ter marcado também a menstruação. Foi justamente com a ampliação do trabalho feminino após a Segunda Guerra Mundial, seu aprisionamento no mercado de trabalho e na economia de produção, que levaram as mulheres a sentirem seus corpos e a ciclicidade menstrual como um incômodo que prejudicaria a sua performance no trabalho e na carreira. A partir da servidão das mulheres nas fábricas, menstruar, gestar, parir e amamentar se tornaram empecilhos para a inclusão das mulheres no mercado de trabalho. Suprimir e medicalizar os sintomas e desconfortos físicos da menstruação e suprimi-la totalmente, se possível, por meio do uso de hormônios se tornou fundamental para que as mulheres pudessem competir, de igual para igual, no mercado de trabalho com os homens. Absorventes, medicações, anticoncepcionais e tratamentos hormonais como forma de acabar com os incômodos da menstruação se tornaram práticas para aumentar a performance produtiva. A supressão da menstruação por tratamento hormonal é um símbolo da mulher moderna (Manica, 2011). Difundiu-se a ideia de que quanto mais parecida com a biologia masculina, mais chances a mulher teria de se manter produtiva. Um novo discurso de maldição da menstruação nasceu, com o avanço do neoliberalismo. O aprisionamento do panda vermelho no talismã parece representar estas transformações.

Enquanto aguarda o ritual de aprisionamento do seu panda, Mei Lee é ensinada a gerenciar seu ciclo menstrual pelas fases lunares, marcando os períodos no

calendário, para saber quando se tornará o panda vermelho no próximo mês, momento em que se sente desajeitada, sensível e antissocial. Quando Mei se transforma novamente no panda, destrói objetos que lembram a sua infância e o seu quarto, representando os sentimentos de uma adolescência incontrolável, tal como a mulher que menstrua, que se torna “incontrolável”, com seus humores e tensões pré-menstruais.

O PODER DO PANDA VERMELHO: RECLUSÃO E AUTOCUIDADO

Na segunda parte da narrativa do *The Story of Menstruation*, a ênfase dos cuidados com a menstruação se dá com a regularidade dos ciclos menstruais, apresentando-a com um período de ciclicidade normal de cerca de 28 dias, com pequenas diferenças entre as mulheres. A passagem do tempo é representada por um gigante relógio, com uma jovem no centro, marcando intervalos regulares de mês a mês. A regularidade do ciclo é enaltecida diante do ínfimo tamanho da menina, pequena frente ao imenso relógio. Há uma sugestão visual de que ela é controlada por uma força externa. Há uma chamada de alerta para tudo o que pode comprometer a regularidade do ciclo: resfriados, cansaço, desequilíbrio emocional, etc. Ao mostrar estas ameaças, a menina e o relógio são escurecidos, indicando ameaça à saúde. Então, a narradora afirma que isto acarretaria a necessidade de uma intervenção médica. Deste modo, a narrativa sobre menstruação muda e contradiz a primeira. Embora inicialmente os processos que acarretam a menstruação sejam apresentados como independentes da intervenção humana, mostrando o corpo como passivo a ordens superiores; na segunda parte, certas ações, principalmente emocionais, causam efeitos no ciclo menstrual, apresentado como um grave desequilíbrio que necessita de avaliação médica.

A seguir, são apresentadas uma série de recomendações para manter a saúde: mapear o ciclo menstrual, manter uma rotina leve, gerenciar desconfortos, fazer exercícios e manter a higiene. Há destaque para um livro pessoal, em que a narradora explica a importância de acompanhar o ciclo menstrual por meio da escrita e fazer o planejamento das suas atividades, conforme as características do seu ciclo. No interior do livro, mostram-se cenas de uma jovem banhando-se com os seios visíveis, mas sem mamilos. A narradora incentiva o banho regular, desmascarando tabus de que neste

período não é recomendável o banho. Enfatiza a hiperatividade das glândulas sudoríparas, mas adverte aos “perigos” de banhos muito frios ou quentes. Na sequência, aparece uma jovem andando de bicicleta com a narradora assegurando que a prática deste exercício é segura. Em seguida, uma menina aspirando uma poltrona é apresentada como uma “rotina diária moderada”. Por fim, afirma: “use o seu senso”.

Uma jovem em frente ao espelho é apresentada na cena seguinte, a menina olha-se por alguns segundos e começa a chorar. A narradora afirma: “para a maioria das meninas, o período menstrual não deve trazer desconfortos graves. Algumas garotas tem um pouco menos de vitalidade, uma sensação de pressão na parte inferior do corpo, uma pontada ocasional”. A personagem penteia-se e chora em frente ao espelho e a narradora condena a autopiedade e o mal humor. Em seguida, a menina levanta a cabeça, acariciando o cabelo e sorrindo, com a recomendação da necessidade de equilibrar o temperamento e sorrir para combater desconfortos e desequilíbrio emocional. A cena desaparece e mostra o reflexo de um jovem casal dançando com a afirmativa: “você pode fazer tudo o que normalmente faz com bom senso”. A narradora segue com as recomendações, orientações de exercícios, boa postura, alimentação saudável, combinados com a prática regular de exercícios físicos e ar fresco. Enfatiza-se a necessidade de vestir-se bem para “ajudar no equilíbrio e levantar a moral”. Por fim, afirma “o mais seguro para problemas naqueles dias é manter-se saudável todos os dias”.

A normalização da menstruação se dá pela observação, escrita de si e autocuidado na alimentação, na higiene e nas vestimentas, o que contradiz a narrativa inicial de passividade frente às ordens superiores controladoras dos ciclos. Isto é, por meio de autocuidado a menina pode normalizar e controlar o seu ciclo. Afinal, para que o corpo feminino seja socialmente aceitável, precisa ser normalizado, esbranquiçado, controlado, docilizado. Em diversos momentos, da narrativa, repete-se a afirmação de que a menstruação não é uma doença, contudo, a representação discursiva e visual da menstruação é mostrada em uma perspectiva medicalizada. O narrador explora componentes do sistema reprodutor e do ciclo menstrual, incluindo recomendações sobre a gestão dos “sintomas”, táticas de regulação das emoções, práticas de exercícios e dieta saudável.

O autocuidado é apresentado como algo moralmente bom, que deve ser mantido pelo poder disciplinador. As práticas de poder sobre si são descritas por Michel

Foucault (1994) como determinantes para a condução dos sujeitos, na medida em que se sujeitam a determinados discursos, tais como bem-estar, felicidade, pureza, sabedoria, perfeição. As técnicas de práticas de autocuidado são mudanças comportamentais que a espectadora é encorajada a realizar para manter a sua saúde menstrual. A *menstrunormatividade* se dá por meio de práticas medicalizantes do corpo, com o intuito de restabelecer o estado anterior à menstruação.

Mei Lee é reclusa em seu quarto vazio e parcialmente destruído, com o intuito de passar a noite sozinha e tentar controlar essas emoções. Ela dorme no chão e chora. Em diferentes culturas, a reclusão era vista como um modo de tratar as meninas e mulheres na fase menstrual, que deveriam ser excluídas das tendas, barracos e casas, para não trazer maldições, infortúnios, estragar os alimentos e a água (Gottlieb, 2020. Sardenberg, 1994. Buckley; Gotlieb, 1988. Delaney; Lupton; Toth, 1988). Na cultura judaica, por exemplo, no período do niddah (termo usado para o período menstrual), as mulheres não devem frequentar os templos e tem uma série de atividades restritas. Antigamente, as mulheres eram reclusas no interior das tendas e, ao final período, precisavam passar por um banho ritual de purificação chamado mikvah (Cohen, 2020. Mirvis, 2020. Wasserfall, 1999). Em culturas orientais, como no Nepal, é praticado o chaupadi (Lama; Cheumichit, 2022), em que as meninas e mulheres são excluídas das casas em cabanas menstruais sem ventilação, sem comida e sem acomodação para dormir, protegendo o resto da família de sua maldição. Mei Lee passa por este processo de exclusão e confinamento, após destruir parte da cidade e do seu quarto, e ficar isolada e controlar suas emoções. No dia seguinte, para provar que está equilibrada, ela passa por uma série de “testes” para provar que desenvolveu o autocontrole e é aprovada para conviver com as colegas novamente na escola.

Em conflito com suas vivências ferozes, decorrentes da menstruação, as pressões de sua família exigem que ela se autocontrole e aprisione o panda. Mei Lee se refugia no grupo de amigas, que admiram este panda. No grupo, Mei Lee pode vivenciar os prazeres de estar crescendo e sentir bem estar com as novas possibilidades que a adolescência está lhe proporcionando, como dançar, tirar fotos, estar com as amigas e se relacionar com os meninos. É justamente com suas performances e com as características divertidas que o panda vermelho lhe proporciona, que Mei Lee faz novos amigos e começa a comercializar sua imagem.

Mei Lee e suas amigas desejam participar de um show da sua *boy band* preferida. Como as famílias não autorizam, decidem juntar o valor para participarem do show, explorando as imagens e performances do panda vermelho, vendendo-as aos colegas no banheiro da escola e produzindo camisetas, bonés e outros produtos. Mei Lee chega a ser atração especial na festa de aniversário de um dos colegas. Ela torna-se a celebridade, empreendedora de si, faturando valores com a exploração da sua imagem e da sua sexualidade. De certo modo, o filme retrata aspectos vivenciados pela juventude atual, tão impelida a comercializar dancinhas, fotos, imagens e performances nas redes sociais. Se para as gerações de suas avós e mães a sexualidade feminina precisava ser medicalizada para se manter produtiva, atualmente, esta sexualidade é o próprio produto a ser comercializado e explorado (Beck; Felipe, 2022). O filme parece sugerir que não são os absorventes, as medicações e o controle do ciclo que libertam a menina, mas a autoexploração de sua imagem e de sua sexualidade como produto.

A relação entre mães e filhas é ressaltada no filme. Ao descobrir que a filha foi ao *show* sem seu conhecimento, a mãe torna-se o panda vermelho e destrói tudo o que encontra pela frente em busca da filha. Há um conflito entre os pandas e Mei Lee fere sua mãe. A mãe parece ser retratada como a histérica. Neste momento, ela consegue vislumbrar o que sua própria mãe passou, um momento de conflito com sua avó, que lhe tornou triste e cabisbaixa. A narrativa parece querer representar a “ferida materna”, conflitos intergeracionais entre mães e filhas. As avós e os amigos de mãe ajudam-na a salvar a mãe e, diferentemente das mulheres mais velhas, Mei decide não aprisionar o seu panda, afinal, ele é lucrativo, sendo usado como uma atração no templo da família.

Em *Sofia*, Baymax retorna das compras de absorventes e encontra a menina em uma tenda feita com múltiplas tiras de papel higiênico pela própria menina, que se isola em seu interior, dizendo que ficará no banheiro para sempre. Seguem-se tentativas do enfermeiro robô de convencer a menina a retornar às suas atividades, dizendo que não tem do que se envergonhar e se sentir incapaz por estar menstruando. Baymax afirma que menstruar é uma coisa biológica e não há do que se envergonhar. O robô afirma que ela tem 12 anos e que é considerada criança por muitas culturas, “você está amadurecendo, seu corpo está mudando”. É com o incentivo insistente de Baymax que Sofia decide sair da reclusão de sua tenda de papel higiênico e participar do concurso de talentos,

afirmando que é “sangue bom”. Ela e seu amigo Ali vencem o show de talentos com sua performance com ioiô.

Nesta obra, é o discurso médico normalizador que se contrapõe sobre as vivências da menina. Novamente, a ênfase de que a menina pode fazer tudo que ela quer, com a condição de que se mantenha produtiva, competitiva e que apenas a sua atitude interna e de autocontrole são suficientes para sanar os sofrimentos físicos e psíquicos que muitas pessoas que menstruam sofrem são apresentados. No entanto, em contraponto à primeira animação, em que a menstruação é marcada pelo crescimento, casamento e geração de filhos, nesta última obra, é questionado o mito de que a primeira menstruação torna a criança em uma mulher.

DOMANDO A FERA: PEDAGOGIAS MENSTRUAIS DA DISNEY

Henri Giroux (2001, 2003) e Paola Zordan (2019) olharam para as pedagogias culturais da Disney em seu currículo dos corpos, comportamentos, etnias, classe social e subjetivação feminina. Nós olhamos para as pedagogias menstruais destes filmes, que parecem nos ensinar sobre o disciplinamento da menstruação por meio de práticas normalizantes, que são legitimadas pelos saberes médicos e científicos. A menstruação é apresentada nas animações selecionadas da Walt Disney como um evento a ser medicalizado, uma experiência que necessita do conhecimento médico e de acesso à higiene, através dos absorventes descartáveis. Mesmo que não seja suficiente narrar a experiência menstrual, os discursos biomédicos prescritos prevalecem no primeiro filme de animação, *The Story of Menstruation*, e no personagem Baymax, em Sofia que, por si só, já representa a autoridade médica pela lógica, acesso à informação, discurso elucidativo e prescritivo, além das cores e imagens que remetem à higiene e conforto.

Para Foucault (1994), a legitimidade e o poder da clínica tornaram o olhar médico normalizador. O que observamos na segunda parte do filme *The Story of Menstruation*, em que o autocuidado e a regulação comportamental são encorajados pelo discurso prescritivo médico é que o normal é ter um ciclo menstrual regular. Para tanto, a pessoa que menstrua é encorajada a gerenciar seu ciclo, transferindo a responsabilidade dos cuidados apenas para a menina menstruada. Segundo a narrativa, a normalidade do ciclo dependerá da autorregulação da menina. Esta mesma responsabilidade também recai sobre as demais protagonistas dos filmes posteriores. Mei Lee é trancada em seu quarto

para gerenciar sozinha seus sofrimentos com a menstruação e precisa passar por testes de autocontrole para retornar à escola. Sofia precisa mudar seus pensamentos e sua atitude perante a menstruação para poder competir no show de talentos da escola.

A normalização da saúde e dos comportamentos é umas das estratégias disciplinares descritas por Michel Foucault (1984). É através de práticas disciplinares que a normalização da menstruação se dará. O poder disciplinador nos filmes é produtivo, isto é, não é pela repressão que se governará a menstruação, mas pela capacitação de controlar o ciclo pelo calendário, pela escrita de si, pela medicalização dos sintomas, pelo controle do comportamento e dos pensamentos, entre outros. Ou seja, pela subjetivação da pessoa que menstrua para realizar práticas de cuidado biomédico. Assim, como propõe Fabiana de Amorim Marcello (2008), o cinema e, no caso, os filmes de animação da Disney, nos propõe um olhar sob certas lentes para a menstruação, mas também somos vistos por essas obras na medida em que elas também nos convencem a seguir certos preceitos higiênico-sanitários.

Os absorventes descartáveis são apresentados como solução para muitos dos problemas que a gestão da menstruação pode trazer. Apesar de os absorventes não serem diretamente mostrados no primeiro filme, é a legitimidade do discurso médico, que descreve a menstruação como um evento anormal, repleto de sintomas e que necessita de cuidados que apresentará um “produto salvador”. Para que as primeiras marcas de produtos de higiene menstrual se legitimassem, era necessário que a menstruação fosse descrita como um evento a ser medicalizado, necessitando da aplicação de produtos para solucionar o problema. Silvia Federici (2009b) nos elucida que as práticas para manter a saúde do corpo das mulheres precisaram avançar para que se mantivessem cada vez mais disponíveis e produtivas ao mercado de trabalho. Assim, a menstruação precisou ser regulada, higienizada e medicalizada, com o intuito de permitir a inclusão das mulheres nos meios de produção, nas fábricas ou, mais recentemente, na criação de conteúdo para as redes sociais.

Ensina-se que menstruar é algo natural, mas o normal é esconder a menstruação. É normal menstruar, mas temos que fazer o possível para que não nos vejam como pessoas menstruantes. Normal é assumir a tarefa de controlar o corpo que menstrua, naturalmente indisciplinado, uma verdadeira fera bestial que, se não for domada, fará a

pessoa que menstrua passar por louca, má ou lhe colocar em uma situação de vulnerabilidade, sendo alvo de violência, disciplina e punição (Persdotter, 2020).

O autocuidado para restabelecer o bem-estar roubado pela fera menstrual e o seu necessário disfarce (ou ocultação) torna-se uma tarefa pesada e auto-opressiva. Se em *The Story of Menstruation* a *menstrunormatividade* é prescrita em detalhes, em *Red: Crescer é um Fera*, o monstro menstrual desviante é apresentado com as possíveis consequências de quem não sabe domá-lo, descritas por sentimentos de vergonha do corpo, quando Mei Lee se transforma no panda vermelho ou por comportamentos sexuais de risco, como quando começa a vender sua imagem e performances no banheiro da escola. Em Sofia, a *menstrunormatividade* se confirma na necessidade de manter a produtividade como pessoa não menstruante, gerenciando seu ciclo e agindo como alguém que não menstrua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medicalização da menstruação parece diminuir a experiência de menstruar. E, em alguns trechos das animações, parece haver o intento de aprofundar as narrativas sobre a experiência menstrual, apresentando aspectos culturais de exclusão social e rejeição da família, como em *Red: Crescer é uma Fera* e em Sofia, em que as práticas das cabanas menstruais e de reclusão são representadas, além dos desafios do ambiente escolar para a pessoa que menstrua. No entanto, prevalecem as exigências a essas meninas que se mantenham adequadas a novos discursos prescritivos de autocontrole de cunho fisiológico e psicológico.

Ao contrário da menina anônima de *The Story of Menstruation*, Mei Lee e Sofia são exigidas performances de futuras esposas e mães, alunas populares com excelentes notas e “rainhas do ioiô”. Não é permitido sentir as dores do crescimento e a vivência menstrual fora de uma experiência de exclusão, de doença e de desvio. Nos três filmes, manter a performance produtiva de sucesso e felicidade parece ser uma das exigências às pessoas que menstruam, muito mais arraigadas, segundo estas narrativas, à autogestão e mudança de comportamento do que a aspectos sociais e culturais, que exigem determinadas condutas e atitudes performáticas de produtividade, sucesso e bem-estar constante.

REFERÊNCIAS

BECK, Dinah Quesada. FELIPE, Jane. Trabalho Infantil Na Internet: Investigando Youtubers Mirins E A Proeminente Profissionalização na Infância. ANAIS DO VIII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E IV LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/seminario-genero/2022/TRABALHO_EV173_MD1_SA105_ID382_05072022155907.pdf. Acesso em 23/08/ 2023.

BUCKLEY, Thomas. GOTLIEB, Alma. *Blood Magic: The Anthropology of Menstruation*. California: University of California Press, 1988.

COHEN, Ilana. Menstruation and Religion: Developing a Critical Menstrual Studies Approach. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p.115-129. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33347144/> . Acesso em 23/08/ 2023.

DELANEY, Janice. LUPTON, Mary Jane. TOTH, Emily. *The Curse: a cultural history of menstruation*. University of Illinois: Press, 1988.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2019a.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2019b.

FOUCAULT, Michel. *The Birth of a Clinic: An archaeology of medical perception*. New York, NY:Knopf Doubleday Publishing Group, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Space, Knowledge and Power*. In: P. Rabisow. *The Foucault Reader*. New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 1984, p. 239-256.

GHANOUI, Saniya Lee. From Home to School: Menstrual Education Films of the 1950s. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 931-943. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565596/> . Acesso em 23/08/ 2023.

GIROUX, Henri. Os filmes da Disney são bons para os seus filhos? In: STEINBERG, Shirley. KINCHELOE, Joe. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 87-108.

GOTTLIEB, Alma. Menstrual Taboos: Moving Beyond the Curse. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 142-162. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565616/> . Acesso em 23/08/ 2023.

HALL, S.; SOVIK, L. (Orgs.). *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

HALL, S. Codificação/Decodificação. In: HALL, S.; SOVIK, L. (Orgs.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003, p. 387-404.

KINNEY, Jack. *The Story of Menstruation*. Walt Disney Animation Studios, Walt Disney Pictures, International Cellucotton Company, 1946.

KISSLING, Elizabeth Arveda. Menstruation as Narrative. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p.865-868. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565638/> . Acesso em 23/08/2023.

LAMA, Smriti; CHUEMCHIT, Montakarn. Women's experiences of menstrual exile (Chaupadi) and its impact on health in Nepal. *International Public Health Journal*, v. 14, n. 2, p. 131-140, 2022.

MANICA, Daniela Tonelli. A Desnaturalização da Menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência. *Horizontes Antropológicos*, 17 (35), 197-226, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/JmbLfsQCv9H8SrXvvhjw84t/> . Acesso em 23/08/2023.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100007>

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Cinema e Educação: da criança que nos convoca à imagem que nos afronta. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, nº 38, p. 343 – 356, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4rvJC6K3bJxWbnTmXP4cQvS/> . Acesso em 23/08/2023.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000200011>

MCFARLAND, Cristiana Shipma. “*And that’s the story*”: *Themes of Medicalization within Disney and Kotex’s The Story of Menstruation*. Thesis. Faculty of Auburn University. Auburn, Alabama, 2019.

MILSOM, Erica. *O Abraço do Panda: a fera vermelha*. Walt Disney Pictures, 2022.

MIRVIS, Tova. Personal Narrative: Out of the Mikvah, into the World. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 131-135.

WOOD, Jill M. (In)Visible Bleeding: The Menstrual Concealment Imperative. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 319-336. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565661/> . Acesso em 23/08/2023.

PERSDOTTER, Josefin. Introducing Menstrunormativity: Toward a Complex Understanding of ‘Menstrual Monsterings’. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 357-373. Disponível em https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_29 . Acesso em 23/08/2023.

PIRAN, Niva. The Menarche Journey: Embodied Connections and Disconnections. In: BOBEL, Cris *et al.* *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020, p. 201-214. Disponível em <https://ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565657/> . Acesso em 23/08/2023.

SARDENBERG, Cecília Maria. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista de Estudos Feministas*, v.2, n.2, p. 314-344, 1994. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026x1994000100004. Acesso em 21/09/2023.

SHI, Domee. *Red: Crescer é uma Fera*. Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios, 2022.

TREIMAN, Lissa. *Sofia*. Walt Disney Pictures, 2022.

WASSERFALL, Rahel. *Women and Water: Menstruation in Jewish Life and Law*. Brandeis, 1999.

WILLIAMS, Chris. HALL, Don. *Operação Big Hero*. Walt Disney Pictures, 2014.

ZORDAN, Paola. *Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. Curitiba: CRV, 2019.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Coordenadora do projeto, coleta e análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.